



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

EVA PEREIRA BARBOSA SOUSA

O FEMININO EM *A CARNE*, DE JÚLIO RIBEIRO

Araguaína/TO

2021

EVA PEREIRA BARBOSA SOUSA

O FEMININO EM *A CARNE*, DE JÚLIO RIBEIRO

Monografia apresentada à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Letras, para obtenção do título de Licenciatura e Apresentada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Albeirice da Rocha

Araguaína/TO
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

P436f PEREIRA BARBOSA SOUSA, EVA.
O FEMININO EM "A CARNE", DE JÚLIO RIBEIRO . / EVA PEREIRA
BARBOSA SOUSA. – Araguaína, TO, 2021.
40 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2021.
Orientador: PEDRO ALBEIRICE DA ROCHA
1. LITERATURA. 2. MULHER 3. NATURALISMO. 4. FEMININO. I.
Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

EVA PEREIRA BARBOSA SOUSA

O FEMININO EM A CARNE, DE JÚLIO RIBEIRO

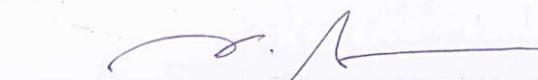
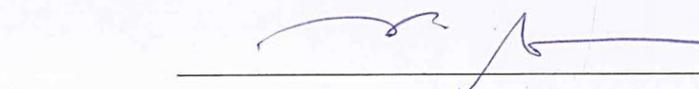
Monografia apresentada à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Letras para obtenção do título de Licenciatura e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 26/07/2021

Banca Examinadora



Prof. Dr. Pedro Albeirice da Rocha, UFNT.


p/ Prof. Dr. José Manoel Sanches da Cruz Ribeiro, UFNT.
p/ Prof. Dr. Francisco de Assis Neto, Colégio Estadual Dr. Hélio de Souza Bueno

Araguaína, 2021

*Aos meus pais, Manoel de Jesus e Raimunda;
às minhas irmãs Joviniana, Renata, Ruth e
Lorena; às minhas filhas Ana Júlia e Bruna;
ao Cleomar, meu cônjuge e à minha amiga
irmã Dilvany.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me fortalecido e ajudado em mais uma etapa da minha vida.

Aos meus pais, cada um à sua maneira ficaram na torcida para que eu realizasse mais esse sonho.

Aos meus amores da minha vida, Ana Júlia e Bruna Ester, sempre me incentivando em todos os momentos. Também sou grata ao Cleomar que me manteve financeiramente por todo esse tempo.

Ao meu orientador, amigo e irmão na fé Professor Dr. Pedro Albeirice por tantos momentos de aprendizado, grande profissional, grande conselheiro, grande escritor que além de me ensinar me inspira a ser uma escritora um dia.

Aos amigos e familiares que de maneira direta ou indireta contribuíram nessa jornada de quatro anos.

As minhas amigas, minhas motivadoras e parceiras: Dilvany, Ana Karoline, Ana Maria, Maria, Luana, Juliana, Karolaine, Josinelba, ao meu amigo Lukas, um grande amigo companheiro de TCC e da disciplina de Manifestação Literária no Tocantins.

A todos os profissionais da Universidade Federal do Tocantins, local onde fui de fato, bem acolhido e pude desenvolver e aprimorar meus conhecimentos.

A todos os professores do Colegiado de Letras que foram de fundamental importância na minha caminhada, em especial as professoras Valéria Medeiros, Elisa Alcântara, Ana Cláudia Castiglioni, Andrea Mateus, Eliane Testa, Wilma Nunes, Luiza Helena, Miliani Cardoso, Naiana Galvão e aos professores Pedro Albeirice, João de Deus, José Manoel, Carlos Borges, Wallace Rodrigues e Wandercy Carvalho.

RESUMO

Este trabalho analisa o feminino na obra *A carne*, de Júlio Ribeiro. É um romance naturalista publicado no final do século XIX, mais precisamente em 1888. Nesse sentido, o estudo justifica-se pela necessidade de se pesquisar como o feminino é apresentado no desenrolar do romance. Ao analisar a obra, pretende-se constatar que Lenita é uma mulher à frente do seu tempo. Diante disso, a proposta é realizar uma reflexão sobre a mulher na obra mencionada a partir do objetivo geral, que é analisar a personagem *Lenita*, na narrativa naturalista de Júlio Ribeiro. Tem-se como objetivos específicos do estudo: identificar no romance, *A carne*, a representação da mulher; abordar o naturalismo em uma obra de grande repercussão da literatura brasileira; notar as características do feminino na protagonista Lenita, por meio de textos ensaísticos a respeito da questão do feminino na literatura. Desse modo, a metodologia adotada para realização deste trabalho constituiu-se a partir de um levantamento bibliográfico para apoiar as reflexões acerca do papel da personagem feminina na narrativa.

Palavras-chave: Literatura. Mulher. Naturalismo. Romance. Feminino.

ABSTRACT

This paper analyzes the feminine in the work *A carne*, by Júlio Ribeiro. It is a naturalist novel published in the late nineteenth century, more precisely in 1888. In this sense, the study is justified by the need to research how the feminine is presented in the course of the novel. By analyzing the work, we intend to verify that Lenita is a woman ahead of her time. Therefore, the proposal is to raise a reflection about the women in the mentioned work from the general aim, which is to analyze the character Lenita, in Júlio Ribeiro's naturalist narrative. The specific aims of the study are: to identify in the novel, *A carne*, the representation of women; to approach naturalism in a work of great repercussion in Brazilian literature; to observe the characteristics of the feminine in the protagonist Lenita, through essays that discuss the feminine in literature. Thus, the methodology adopted to accomplish the purposes of this paper consisted in a bibliographic survey to support reflections on the role of the female character in the narrative.

Keywords: Literature. Woman. Naturalism. Novel. Feminine

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.	9
2	JÚLIO RIBEIRO E O NATURALISMO NO BRASIL	10
2.1	O Realismo.	10
2.2	O Naturalismo	13
2.3	O Naturalismo no Brasil.	15
2.4	<i>A Carne: Um Romance Escandalizante</i>	18
2.4.1	Júlio Ribeiro: o autor de <i>A carne</i>	20
2.4.2	O romance: visão geral	21
3	A TRAJETÓRIA DA MULHER NA HISTÓRIA	23
3.1	O Poder Patriarcal	23
3.2	A Primeira feminista do Brasil.	27
3.3	Outras Reflexões.	29
4	LENITA E O CONTEXTO PATRIARCAL	30
4.1	Mulher Branca e Mulher Negra.	31
4.2	Características do Feminino em Lenita.	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.	40
	REFERÊNCIAS.	42

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta análise do “Feminino” na obra *A carne*, de Júlio Ribeiro. O romance com uma perspectiva naturalista que scandalizou a sociedade, por apresentar uma vertente da mulher não contumaz para a sociedade conservadora do século XIX.

Pesquisar a respeito de literatura é, sem dúvidas, uma atividade agradável. Ainda mais instigante é estudar a literatura naturalista brasileira e, para culminar em parceria a esse estudo, aprofundar conhecimentos sobre a mulher. Os estudos relativos à Mulher e à Literatura têm obtido uma variedade de pesquisas nas Universidades, nas últimas décadas. Há significativos números de pesquisas a respeito da escrita feminina e também sobre como os autores do gênero masculino apresentam a Mulher.

O presente trabalho, à luz de fundamentação teórica, justifica-se pela necessidade de se pesquisar como o feminino é apresentado no romance, nesse sentido, é realizada uma análise da protagonista Lenita (Helena) que foi caracterizada pelo autor da obra. Com o objetivo de contribuir com outros estudos a respeito de Literatura e Mulher numa perspectiva naturalista, privilegiando a obra *A carne*, do autor Júlio Ribeiro, muito conhecida e alvo de críticas da sociedade conservadora da época.

Para a elaboração do trabalho, cujo problema de pesquisa é como o feminino é apresentado no desenrolar do romance, foi selecionada a pesquisa bibliográfica que, segundo Lakota e Marconi (1991, p. 43) “pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda a pesquisa científica”. Com base em parte dos estudos existentes sobre a questão feminina na literatura, existe uma bibliografia relativamente significativa a respeito, tendo como fundamentos a escolha sobre textos de Saffioti (1987), Floresta (2019), Lima (2010) e Oliveira (1993).

Para uma sociedade patriarcal, o romance *A carne* apresentou um lado desconhecido da mulher, por isso a resistência do clero ao livro; o ofício das mulheres se restringia a procriar, atender às necessidades sexuais dos maridos e aos afazeres domésticos. Porém, Lenita (Helena) caracterizava-se como uma mulher independente que não era afeita ao casamento, emancipada, rica e independente.

O desenvolvimento deste trabalho, “Em torno da questão do feminino”, é composto de três capítulos: O primeiro capítulo destrincha o momento literário “Júlio Ribeiro e o

Naturalismo no Brasil” em que a obra foi publicada, apresentando um breve histórico do Realismo ao Naturalismo no Brasil; o segundo capítulo engendra “Visões sobre o feminino”, no qual incluímos assimetria entre homens e mulheres e sua naturalização em nossa sociedade; por fim, no terceiro capítulo a análise propriamente dita “Lenita e o poder patriarcal”.

Com a finalidade de analisar a personagem Lenita num romance Naturalista, tem-se como objetivos específicos: identificar o feminino em Lenita na perspectiva biológica, sexual e social; abordar o Naturalismo numa obra da literatura brasileira; notar as características da protagonista, por meio de textos ensaísticos a respeito da questão do feminino na literatura.

2. JÚLIO RIBEIRO E O NATURALISMO NO BRASIL

2.1 O Realismo

O movimento literário realista iniciou na França, em meados do século XIX. Foi uma ruptura com o Romantismo que apresentava a subjetividade, as emoções, os sonhos e a fantasia em favorecimento ao conhecimento.

Descrever costumes, paisagens, fatos, sentimentos carregados de sentido nacional, era libertar-se do jugo da literatura clássica, universal, comum a todos, preestabelecida, demasiada abstrata – afirmando em contraposição o concreto, espontâneo, característico, particular. (CANDIDO, 1975, p. 15).

Um dos principais fundamentos do Realismo é a noção positivista de Augusto Comte. Para os realistas, os românticos trabalhavam em defesa de uma burguesia conservadora em crise, que estava sustentada na família tradicional e na igreja. Nesse sentido, Bosi (1994, p. 166) afirma que “[...] o movimento subterrâneo que vinha de longe se originava nas contradições da sociedade brasileira do II Império, que os compromissos do período romântico já não bastavam para atenuar”.

Com a crítica ao movimento literário anterior, o Realismo retrata que o preferível era propiciar uma depuração social, seria apresentar as contradições, hipocrisia, mazelas e fragilidades das instituições burguesas predominantes. Por essa razão, os romances realistas prioritariamente abordam assuntos polêmicos, exploração dos vulneráveis, violência física e psicológica, adultério, abuso de poder, rompimento do celibato e abuso por parte do clero.

Pairava no espaço a nova ideia, que impregnava. Toda essa inovação de espírito haveria por força de se refletir na literatura. Os processos românticos, já na prosa, já no verso, estavam esgotados. O sentimentalismo excessivo, que chegava por vezes ao pieguismo vulgar, o predomínio da imaginação, o subjetivismo avassalador, o transbordamento do eu, cansava. (PACHECO, 1971, p. 13).

Na obra *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, é apresentado o início do Realismo literário na Europa. Esse romance concerne ao adultério feminino, que representou um escândalo à sociedade conservadora, e transmitiu a temática para outros autores de criações realistas, como *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis:

Se a preocupação científica chegou a penetrar a poesia, dela por certo não podia ficar isenta a prosa. Sob o impulso de Flaubert que, desenvolvendo a linha de Balzac, abria caminhos inesperados, a ficção francesa, que então ditava cátedra na literatura universal, enveredara, após a publicação de *Madame Bovary*, daquele autor, em 1857, para o domínio do Realismo, a que Zola, a partir de 1870, vem imprimir direções. (PACHECO, 1971, p. 128).

As principais influências ideológicas e teóricas do Realismo advêm do cientificismo da segunda metade do século XIX. Sendo elas: concepção materialista, em objeção às concepções espiritualizadas, religiosas e metafísicas. Diante disso, Pacheco (1971, p. 13) afirma que “tais ideias sacudiram o Brasil, ainda preso aos velhos temas do espiritualismo ou do ecletismo ou a acusar, aqui ali, ecos da escolástica ou do sensualismo de Condillac”. Desse modo, algumas teorias influenciaram esse movimento literário, sendo elas: o positivismo de Augusto Comte, o evolucionismo de Herbert Spencer e teoria evolutiva de Charles Darwin.

De 1870 a 1890 serão essas as teses esposadas pela inteligência nacional, cada vez mais permeável ao pensamento europeu que na época se constelava em torno da filosofia positiva e do evolucionismo. Comte, Taine, Spencer, Darwin e Haeckel foram os mestres de Tobias Barreto, Sílvio Romero e Capristano de Abreu e o seriam, ainda nos fins do século, de Euclides da Cunha, Clóvis Bevilacqua, Graça Aranha e Medeiros e Albuquerque, enfim, dos homens que viveram a luta contra as tradições e o espírito da Monarquia. (BOSI, 1994, p. 163)

Com isso, o Realismo buscou descrever minuciosamente os detalhes, identificando com profundidade as características sociais e psicológicas dos personagens. Ao contrário das produções em torno da mitologia ou burguesia aristocrática, os realistas caracterizavam personagens menos favorecidos, como a classe trabalhadora, prostitutas e mulheres adúlteras. Os intérpretes representados pela Aristocracia apresentavam suas incoerências diante das

descrições dos autores. A principal caracterização do enredo realista era a verossimilhança subjacente de uma sociedade, privilegiando a exploração humana, sendo descritos seus pormenores psicológicos, físicos e ambientais.

Desnadam-se as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima; e buscam-se para ambas causas naturais (*raça, clima, temperamento*) ou culturais (*meio, educação*) que lhes reduzem muito a área de liberdade. O escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento. (BOSI, 1994, p.168).

A partir da busca de objetividade dos escritores, os realistas buscavam e acreditavam na técnica, ou seja, procuravam e caracterizavam as ações da sociedade de forma descritiva, evitando recursos estéticos e estilísticos. Um dos grandes e talvez o principal objetivo deles era utilizar a ciência como fundamento, para que pudessem ser comprovados com experimentação científica. A razão e a ciência para eles era capaz de desvendar a verdade.

[...] O universo literário do escritor brasileiro, classificando três modalidades de temas que correspondam a três momentos da nossa evolução social: a vida do primitivo; a formação histórica da colônia, marcada pelo contato entre Português e Índio; a sociedade contemporânea, que compreendam dois aspectos: vida tradicional das zonas rurais e vida das grandes cidades, assinalada pelo contato vitalizador com os povos líderes da civilização, libertando-nos das estreitezas da herança lusitanas. Assim, a literatura acompanha a própria marcha da nossa formação como país civilizado, contribuindo para definir a sua fisionomia espiritual através da descrição da sua realidade humana, numa linguagem liberta dos preconceitos linguísticos. (CANDIDO, 1975, p. 368).

Dessa forma, com engajamento político-social, o idealismo realista acreditava que a retirada das máscaras da burguesia e do clero, poderia engendrar mudanças no comportamento dos exploradores com o auxílio das criações dos autores do movimento. O objetivo era mobilizar a sociedade conservadora a mudanças, sendo predominantes: pobreza, exploração dos vulneráveis e escravidão.

De fato, a partir da extinção do tráfico, em 1850, acelera-se a decadência da economia açucareira; o deslocar-se do eixo de prestígio para o Sul e os anseios das classes médias urbanas compunham um quadro novo para a nação, propícia aos fermentos de idéias liberais, abolicionistas e republicanas.(BOSI, 1994, p.163)

O Realismo foi marcado no Brasil, principalmente pelo autor Machado de Assis. Essa nova estética influenciou as grandes mudanças ocorridas no final do século XIX. O país passava por mudanças sociais, políticas e filosóficas, no decorrer desse desenvolvimento intelectual, tendo influência do movimento Francês, alguns autores resolveram conhecer e estudar estas influências, e criaram suas obras em nossa nação:

O seu equilíbrio não era o goetheano _ dos fortes e dos felizes, destinados a compor hinos de glória à natureza e ao tempo; mas o dos homens que, sensíveis à mesquinhez humana e à sorte precária do indivíduo, aceitam por fim uma e outra como herança inalienável, e fazem delas alimentos de sua reflexão cotidiana... O Machado que se indignara, quando jovem cronista liberal, ante os males de uma política obsoleta, foi mudando nos anos de maturidade o sentido do combate, e acabou abraçando como fato eterno dos seres o convívio entre egoísmo, até assumir ares de sábio estóico na pele do Conselheiro Aires. (BOSI, 1994, p. 176).

A partir das poesias sociais, percebia-se um novo momento para literatura brasileira, pois esse movimento, apresentava críticas às condições humanas dos trabalhadores escravos, ou seja, o tráfico de escravos seria desumano e atroz. Outro fator de fundamental importância foi o inconformismo da classe média, que almejava a abolição da escravidão, ideais liberais e republicanas. À vista disso, Pacheco (1971 p. 7) reitera que “a partir de 1850, quando é abolido o tráfico negreiro, entra no Brasil uma época de ebulição, que se acentuará depois de 1870”.

Com novos ideais em curso, a ciência sendo definida como resposta, a escolástica deixando de ser o centro das atenções e respostas na sociedade, além de a razão ser a fonte principal dos realistas para desenvolvimento. Nessa perspectiva, Bosi (1994, p. 164) considera que “mas a norma foi a expansão de uma ideologia que tomava aos evolucionistas as ideias gerais para demolir a tradição escolástica e o ecletismo do fundo romântico ainda vigente, e pedia à França ou aos Estados Unidos modelos de um regime democrático”. A mudança de consciência das pessoas e vários autores divulgando suas novas ideias, sendo a ciência o centro da sociedade, explode a revolução industrial com o seguinte slogan: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

2.2 O Naturalismo

O Naturalismo é considerado a continuação do Realismo, pois a estética das duas escolas literárias são semelhantes, às vezes, sendo difícil segregar uma obra realista de uma obra naturalista. Isso porque há pressupostos filosóficos e científicos que influenciavam ambos os estilos. Por outro lado, embora que de maneira sutil e evidente, existem diferenças, de fundamento histórico, político-ideológico entre Realismo e Naturalismo.

Tentava abraçar de um só golpe a literatura realista-naturalista-parnasiana, é uma grande mancha pardacenta que se alonga aos nossos olhos: cinza como o cotidiano do homem burguês, cinza como a eterna repetição dos mecanismos de seu

comportamento; cinza como a vida das cidades que já então se unificava em todo Ocidente. (BOSI, 1994, p. 168).

A partir de 1880, o escritor francês Émile Zola começou a denominar o termo naturalismo. De acordo Pacheco (1971, p.129), “o artista não pode fugir ao dever de cingir-se a fatos determinados, abstendo-se de sentimentos pessoais e apoiando-se, até o fim, em terreno conquistado pela ciência”. Zola, à época, era seguidor extremo de teorias científicas que também eram utilizadas pelo Realismo, essencialmente o positivismo e o evolucionismo. Ao contrário dos realistas que utilizavam as teses como inspiração ideológica, os naturalistas empregavam os próprios conceitos científicos experimentais nas suas práticas de produções escritas, ou seja, os autores naturalistas confiavam nas ciências humanas, que era o fundamento de seus métodos nas ciências naturais.

[...] Zola cuida de estender o método experimental ao campo do romance. Entrara a Humanidade, levada pela mão da ciência – pontifica o escritor – na era a experiência, com ajuda, que sucedia à fase a razão, em que primara a escolástica e que por sua vez viera depois da época do sentimento, em que Teologia dera as cartas. A experiência, com ajuda da razão esclarece o sentimento e é esclarecido pela experiência. (PACHECO, 1971, p. 128).

Contudo, as características do Naturalismo estavam ligadas com a aceção da realidade. No entanto, trata-se de um Realismo exagerado e que alcança, principalmente, os problemas sociais. A linguagem do romance tese é abordada de maneira simples, impessoal, clara, objetiva, equilibrada, harmônica, descritiva, minuciosa, coloquial, regionalista e fundamentada em depreender o ser humano como objeto de estudo. Além disso, o Naturalismo era mobilizado a mostrar as verdades dos acontecimentos que ocorriam nas sociedades. Sendo assim, os referidos estilos procuravam temas de abordagem fisiológica, química e física. Nesse prisma, Pacheco (1971, p. 129) afirma: “êsses princípios que o romancista deveria ter em mira, como continuador que era da obra do fisiológico, químico e físico.”

Tratando de denúncias sociais do século XIX, retratando o sofrimento dos homens diante o crescimento desordenado das grandes cidades, mobilizando muitas pessoas para os aglomerados urbanos em busca de uma vida melhor, que até então mantinham suas vidas na zona rural.

A mente científicista também é responsável pelo esvaziar-se do êxtase que a paisagem suscitava nos escritores românticos. O que se entende pela preferência dada agora aos ambientes urbanos e, em nível mais profundo, pela não-identificação do escritor realista com aquela *vida* e aquela *natureza* transformadas pelo Positivismo em complexos de normas e fatos indiferentes à alma humana. (BOSI, 1994, p. 172).

Com isso os escritores naturalistas externava críticas sociais se opunham às injustiças e a opressão do homem, com a finalidade de constranger a burguesia, e sobreviesse mudança no que estavam desacordo com a dignidade humana, para melhor explicar, os autores do Naturalismo e do Realismo pretendiam compelir a sociedade, apresentando as injustiças cometidas pelo clero e pela sociedade conservadora. Com teoria científica, as obras eram desenvolvidas para mostrar que o movimento tinha arcabouço teórico para ser validado, perante a sociedade leitora da segunda metade do século XIX.

Período de transição, contém em seu seio traços que o encadeiam ao passado e feições que o protejam para o futuro. Se a idéia era nova, se a inteligência se regia por novos princípios, muitas vezes a sensibilidade, mais lenta no trabalho de assimilação, ainda se manifestava pelos padrões antigos. (PACHECO, 1971, p. 22).

O marco inicial da Literatura francesa Naturalista deu-se primariamente com o Romance Experimental, de Èmile Zola, que dava sinais de uma nova abordagem escrita, como o adultério, sensualismo e amor físico, assim como revela Pacheco (1971, p.138) “A concepção é toda naturalista – O amor é sempre físico, a sensualidade triunfa sobre o sentimento, o animal domina o homem.” Assim eram as abordagens nos romances experimentais cientificistas, naturalistas-realistas.

2.3 O Naturalismo no Brasil

O Naturalismo de Portugal teve início com a obra *O crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós, o qual também escreveu *O Primo Basílio*. As suas obras colocavam a sociedade portuguesa do século XIX em visibilidade, retratando a influência do clero, pequena e média burguesia portuguesa. Sendo assim, o movimento naturalista não ficaria somente aos europeus, mas também seria influência para alguns autores brasileiros no final do século XIX.

Em *A Nova Geração* estuda com acuidade as primeiras manifestações do Realismo, documento imprescindível para compreensão do movimento que iria desaguar no Parnasianismo. Relevante *O Primo Basílio* não só pela crítica em si como pela definição de sua atitude perante o Naturalismo e de sua concepção como romancista. (PACHECO, 1971, p. 65).

No Brasil, o Naturalismo inicia-se no final do século XIX, com a publicação do romance *O Mulato*, de Aluísio Azevedo. Nesse viés, Pacheco (1971, p. 134) relata que o romance “[...] *O Mulato* ao público brasileiro. Tem o livro, que aparece na província, no Maranhão, intensa repercussão em todo país, principalmente na corte, para onde, em meio ao êxito rumoroso, ocorre o autor. Positivamente o livro estabelece um marco divisório em nossa

evolução literária”. A obra chama atenção para o preconceito racial descrito no desenrolar da trama.

O Cortiço, também de Aluísio Azevedo, apresenta o retrato do crescimento desordenado e a miséria das cidades, péssimas condições de vida, sexualidade, adultério, crimes, violência, crítica ao conservadorismo da sociedade e o conservadorismo da igreja católica.

Concentrando-se mais no coletivo do que no individual, Aluísio Azevedo consegue dá força e relevo a toda uma comunidade, que movimenta e faz vibrar – palpitante no todo, viva em suas partículas, com um senso simultâneo do movimento do todo e da vida de cada parte. (PACHECO,1971, p. 135).

Com o objetivo de reformar a sociedade, o Naturalismo abordava temáticas voltadas às mazelas sociais, para chamar atenção e denunciar. A quantidade de artistas naturalistas é reduzida, pois o Realismo/Naturalismo chegou somente em 1881 com poucos destaques de criadores de obras. Entretanto, esse momento foi de grande importância histórica para a política e para a ciência do Brasil. Nesse viés, Pacheco (1971, p. 194), defende que “já se tem observado que a evolução da literatura brasileira se faz ao influxo das correntes estrangeiras, não se processando por um encadeamento de causas internas, de modo que se opera por saltos, ocorrendo verdadeiros hiatos entre as gerações que se sucedem”.

As mudanças ocorriam de maneira lenta e gradual; alguns intelectuais criticavam a exploração das pessoas vindas da África, a maneira como eram trazidos e o tratamento que recebiam ao chegar no Brasil. Com críticas ao regime da época, notava-se um novo momento para o nosso país, após viagens pela Europa, percebiam que a literatura brasileira precisava de um novo momento, pois o Romantismo havia ficado para trás e o Realismo não conseguia acompanhar todas as vertentes da experimentação científica.

Aspirava-se ao exame da obra literária não só em si mesma, mas inserta no conjunto social e no momento histórico, de que era produto e que explicavam. Já não se podia aceitar a crítica apenas como uma arte, mas deseja-lhe foros de ciência, ainda que precária, ainda que em formação, ainda que balbuciar, mas a que competia fazer dar os primeiros passos no caminho da objetividade e sistematização. (PACHECO, 1971, p. 162).

Com o desenvolvimento do Realismo e do Naturalismo, de maneira simultânea no Brasil, podemos dizer que os movimentos têm características semelhantes. Ainda, o Naturalismo consegue descrever o processo científico com experimento, ou seja, seus escritores retratam os instintos humanos e violência, apresentando a real natureza do

indivíduo de cunho previsivelmente dissimulado, sem máscaras e a natureza definindo o comportamento humano.

O supremo cuidado estilísticos, a vontade de criar um objeto novo, imperceptível, imune as pressões e aos atritos que desfazem o tecido da história humana, originam-se e nutrem-se do mesmo fundo radicalmente que subjaz à ideologia do determinismo. E o que já fora verdade para os altíssimos prosadores Schopenhauer e Leopardi, não o será menos para os estilistas consumados da segunda metade do século XIX, Flaubert e Maupassant, Laconte de Lisle e Machado de Assis. (BOSI, 1994, p. 168).

Contudo, o determinismo também é descrito como determinante na vida das pessoas. Ele é definido pela natureza biológica do ser vivo, porque quando nascemos temos uma vida pré-determinada pela natureza biológica ou fisiológica. Um exemplo clássico do determinismo é o fato da fêmea ser biologicamente preparada para procriação, de acordo alguns autores, nesse sentido, Bosi (1994, p. 168) o qual diz que “no nível ideológico, isto é, na esfera de explicação do real, a certeza subjacente de um Fado irreversível cristaliza-se no determinismo (da raça, da cor, do meio, do temperamento)”. Mulheres e homens foram criados para reproduzir, é um destino que não se pode fugir, por mais que tentem postergar seu destino, ainda assim, o fisiológico cobrará sua necessidade.

As peculiaridades do Naturalismo são escancarar as maldades e vilezas humanas, apresentando suas maneiras de alcançar objetivos de forma malandra, pois o fundamental é conquistar poder, explorando, matando, roubando. Não importando a maneira da conquista. Ao contrário do Romantismo, que narrava a ingenuidade do nativo, fantasiando o comportamento do explorador e apresentando o índio herói no interior da floresta onde, também, estanciavam mulheres encantadas, heróis e natureza sendo o refúgio.

O liame que se estabelecia entre o autor romântico e o mundo estava afetado de uma série de mitos idealizantes: a natureza-mãe, a natureza-refúgio, o amor fatalidade, a mulher-diva, o herói-prometeu, sem falar na aura que cingia alguns ídolos como a “Nação”, a “Pátria”, a “Tradição”, etc.(BOSI, 1994,p. 167).

O Realismo e o Naturalismo brasileiros descreveram a escravidão e a exploração do ser humano, apresentando uma nova face da literatura. A face das mazelas e injustiças sociais, cometidas pelo clero e pela burguesia, os quais exploravam e aproveitavam-se da ingenuidade dos escravos e nativos, Bosi (1994, p. 166) *apud* ROMERO afirma “[...] desvendado repugnantemente a chaga da escravidão; e então a questão religiosa; tudo se põe em discussão”. Com a necessidade de aplicar formas, os autores naturalistas fundamentam-se nas ciências naturais e positivas, utilizando as principais correntes científicas que auxiliavam no desenvolvimento de suas artes. A base teórica elementar e imprescindível para produção de

suas obras, foram o positivismo de Augusto Comte e o evolucionismo de Charles Darwin. À vista disso, Pacheco (1971, p.12) refere-se a essa base “[...] deveria guiar-se exclusivamente pelo espírito científico, que é positivo e se coloca no terreno dos fatos, e apoiar-se nos métodos de experimentação objetiva, obediente a normas impessoais e isenta de qualquer prévia subjetiva”..

2.4 *A Carne*: um romance escandalizante

O romance *A carne*, de Júlio Ribeiro, foi publicado em 1888, causando efervescência na sociedade tradicional brasileira com a polêmica trajetória da mulher (Lenita), entregando-se aos desejos da *carne*. Para muitos críticos, o romance foi definido como pornográfico. Com o furor da crítica, o livro teve recorde de vendas. Nesse prisma, o Padre Senna Freitas (1972, p. 192), crítico veemente do romance naturalista de Júlio Ribeiro, considerava que “não pode ser lícito apregoar sobre os telhados o que seria indecente segredar num salão de família”.

Acredita-se que a maneira a qual Lenita foi representada incomodou muitos indivíduos conservadores com ideais sexistas. No final do século XIX, a mulher ainda era vista como um ser passivo que nascera para procriar, não para o universo intelectual, não para caça, não para ser autônoma e não para os desejos sexuais.

A apresentação da mulher que não tinha preocupação com o enlace matrimonial, era um comportamento atípico para a sociedade conservadora do final do século XIX, uma vez que os sonhos das jovens seriam o casamento. Destaca-se, no romance, a mulher como também detentora de desejos dionisíacos, ou seja, o gozo também fazia parte da natureza feminina.

A estética naturalista é guiada pela ideia de que o homem é produto das reações biológicas e presa de seus desejos orgânicos. O homem, mais um animal entre tantos outros, deve ceder às obrigações do organismo e aqueles que seriam mais frágeis, as mulheres, por exemplo, sofrem afecções nervosas, em geral provocadas pela repressão social e, sobretudo, pela ausência ou excesso de sexo. (DIOGO, 2011, p. 3).

Desse modo, o livro protagonizou uma grande polêmica entre Senna Freitas - padre, e o autor, jornalista, docente e gramático. Ele intitulou a obra de “A carniça”, para o padre, o livro era para indivíduos carnívoros, para ele a publicação do livro seria uma falta de respeito com a moralidade pública.

Eu tenho andado a querer forrar-me à apreciação da [...] *Carniça*, rondando, rondando em torno dela (alguém teve a idéia de ma enviar), sem acabar comigo de resolver-me a espetá-la na ponta da minha pena de aço para sacudi-la para dentro da carroça da cidade que passa de manhã muito cedo por diante da minha porta.[...] Haver, pois, de pegar na pena para censurar Júlio Ribeiro é bem e bem doloroso para meu coração. Mas a questão pessoal e a questão pessoal e a moralidade pública e a arte literária serem antepostas às preocupações de uma estima privada, embora sincera. (RIBEIRO, 1972, p. 185).

Porém, de cunho combativo, Júlio Ribeiro rebateu com veemência ao crítico de sua obra, o Padre Senna Freitas, e ambos protagonizaram “Uma Polêmica Célebre”, de um lado um autor que mergulhava no naturalismo de Èmile Zola, e do outro um representante conservador do clero. Em resposta ao título “A Carniça”, Júlio Ribeiro publicou uma sequência de matérias intituladas “O Urubu Senna Freitas”, dentre elas destaca-se:

É grande, é vasta; mais ainda, é imensa, verdadeiramente, a minha indulgência para com imbecilidade, para com a presunção parvoeirona o próximo: um palerma quer campar de sábio em minha presença, um pigmeu quer enaltecer-se a gigante, eu não lhe oponho embargo _ seja sábio, seja gigante, à vontade. E até nem abro um sorriso sarcástico para verberar-lhe em silêncio a toleima: a força de exercícios eu tenho conseguido domar-me até o ponto de ouvir com seriedade, impassível, os maiores despropósitos, as mais descabeladas sandices. (RIBEIRO, 1972, p. 194.).

O romance *A Carne* enxerta tópicos científicos ao romance. O desempenho do instinto feminino de Lenita pormenoriza as vivências, atingindo a formação singular da fluência de conhecimento, que se choca na desejada insensibilidade da descrição da narrativa.

2.4.1. Júlio Ribeiro: o autor de *A Carne*

Júlio Ribeiro (Júlio César Ribeiro Vaughan), nascido em Sabará, Minas Gerais, em 10 de abril de 1845. Jornalista, filólogo, professor e romancista. Filho do norte-americano, da Virgínia, George Washington Vaughan e da professora pública Dona Maria Francisco Ribeiro Vaughan, brasileira. Fez os estudos primários com a mãe, matriculando-se depois num colégio mineiro. No ano de 1862, aos dezessete anos, ingressou para o Rio de Janeiro e iniciou os estudos na Escola Militar. Três anos depois, abandonou a Escola Militar e partiu para São Paulo, a fim de dedicar-se ao magistério e ao jornalismo. Morreu aos 45 anos, no dia 1 de novembro de 1890, na cidade de São Paulo, vencido pela tuberculose.

Destacando-se autodidata, Júlio Ribeiro, voltado natural aos estudos linguísticos, tinha boa cultura, conhecia grego, latim, francês, italiano e espanhol. Ingressou na Faculdade de Direito da Universidade São Paulo, por meio de aprovação em concurso. O autor naturalista (1972, p. 10) enfatizava que “o homem que sabe servir-se da pena, que pode publicar o que

escreve e que não diz a seus compatriotas o que entende ser a verdade, deixa de cumprir dever, comete o crime de covardia, é mau cidadão.”

Júlio Ribeiro, homem de muitas profissões das letras, também foi um dos primeiros que batalhou pelo abolicionismo e pela república, sua campanha teve grande importância devido sua abundante exposição na imprensa. Quando a República foi proclamada, assumiu cargo de lente de Retórica do Instituto de Educação Secundária de São Paulo, em substituição ao Barão de Loreto.

Contudo, o jornalismo provavelmente tenha se tornado sua principal atividade no campo intelectual. Fundou e dirigiu diversos jornais, como o Sorocabano(1870-1872), A Procelária, O Debate, órgão republicano de São Paulo O Estado de São Paulo, na Gazeta do Povo (1880), no Diário Mercantil (São Paulo) e no Almanaque de São Paulo, no qual divulgava sua pesquisa em filologia, arqueologia e erudição.

Também foi um jornalista aguerrido, agressivo e hábil em polêmica. Nota-se quando observado em suas retóricas caracteristicamente combativas à crítica literária, direcionada ao romancista Júlio Ribeiro (1972, p. 194)“Das polêmicas que tenho, nem uma só foi provocada por mim: eu nem sei atacar, eu só sei defender-me, eu só sei vingar-me”. Autor de algumas obras, como literato compartilhou-nos *O Padre Belchior de Pontes*(1876-1877), e o polêmico *A carne* (1888).

Como filólogo e linguista, o autor Júlio Ribeiro também publicou sua gramática da língua Portuguesa. No entanto, é, no romance *A carne*, dedicado “ao príncipe do naturalismo, Émile Zola”, sendo ele precursor do naturalismo, mobilizado na França. O romance conseguiu chocar a sociedade, pois apresentava a mulher como ser que tem anelos biológicos, o destino do homem é determinado pela fisiologia e reações biológicas.

2.4.2 O romance: o enredo

Tendo em vista que o romance *A carne*, de Júlio Ribeiro, publicado no ano de 1888, abordando temas ignorados pelas publicações da época, como amor livre e um papel novo e surpreendente da mulher no final do século XIX. É uma obra de grande importância para o Naturalismo brasileiro, a sua publicação ocasionou críticas e polêmica. Além disso, falar em naturalismo brasileiro é lembrar do autor e jornalista Júlio Ribeiro, contudo, Aluísio Azevedo é considerado o grande mestre do naturalismo brasileiro.

Sendo assim, a narrativa é instituída, com a morte dos pais de Lopes Matoso, ele o pai de Helena (Lenita), um homem graduado que se dedicou a cuidar da criança sem o suporte da esposa, falecida com apenas dois anos de vínculo. Desse modo, Lopes Matoso retirou-se da cidade para viver no campo e cuidar de sua filha Lenita. A menina foi criada de maneira culta e saudável. Aos quatorze anos já era notado a intelectualidade e expertise da jovem, ela fora criada em meio a natureza com muito estudos e erudição.

Ao retornar para cidade, a menina volta robusta e com muito conhecimento, pois Lopes Matoso a ensinou no período de refúgio em sua fazenda. Lenita não apresentava sua superioridade nos ambientes sociais do qual frequentava, preferia aparentar timidez, porém quando algum recém-graduado tentava fundamentar um assunto que não tinha propriedade para discussão, ela adorava pressionar até o rapaz reconhecer equívocos.

Para Lenita, os pedidos de casamento não faltavam, no entanto ela negava todos eles. Aos vinte dois anos de idade, ela permanecia solteira e sem interesse pelo casamento, e Lopes Matoso tentava convencer o enlace de Lenita, porém suas vãs tentativas não obtiveram êxito.

Lenita uma mulher inabitual, perspicaz e esbanjava força e vigor. Entretanto, aos 22 anos, após a morte de seu pai, a menina forte e cheia de vida, tornou-se uma jovem extremamente vulnerável e teve sua saúde sensibilizada. Dessa maneira, com a finalidade de se sentir melhor, Lenita decide partir e viver no interior de São Paulo, na fazenda do Coronel Barbosa, o velho que havia sido tutor de seu pai. Ao chegar à fazenda, Lenita sentia-se apática, e quando tentava ler um livro, sempre lembrava ao pai, pois, um rabisco, uma página marcada, tudo fazia lembrar-se de Lopes Matoso.

A garota que esbanjava saúde, tornou-se frágil e melancólica. Com a sensibilidade aguçada, a jovem deixou a racionalidade, e começou leituras e pensamentos sensíveis e emotivos, passando a pensar em matrimônio. Manuel Barbosa, o filho do coronel, era um mistério do qual despertou sentimentos em Lenita, que pensava e fantasiava, pois somente ouvira falar dele, e acreditara que estava apaixonada por ele.

Manuel Barbosa era um homem já experiente e notável, com muito conhecimento de vida, vivia isolado no seu dormitório com seus estudos e sazonalmente partia para caçadas que duravam meses; havia vivido por dez anos na Europa, onde se enlaçara com uma francesa de quem havia separado-se há algum tempo. A princípio, não tiveram uma boa apresentação, pois, devido uma enxaqueca, ele ignorou Lenita que ansiava por sua chegada na fazenda, com isso, desapontando as expectativas da moça.

Após o desapontamento de Lenita, eles firmaram uma sólida amizade, que, gradualmente, fora se evidenciando uma paixão ardente. No princípio, conseguiam disfarçar,

porém ambos não mais controlavam seus desejos, com isso, depois de consolidada a efervescência da *carne*, o romance de forte desejo e paixão ardente, que saciavam um ao outro no furor de desejos dos amantes.

O livro narra e descreve o violento percurso da narrativa singular, apresentando encontros e desencontros, prazer e violência, desejo e sadismo, luta entre psicológico e carne. O romance apresenta a paixão e desejo da *carne*, e a paixão pelas ciências que ambos devotaram em suas vidas. Para ambos, as experiências os deixavam encantados, pois Barbosa, quando esteve na Europa, conhece diversos cientistas, entre eles Darwin.

O desfecho da história ocorre quando Lenita não sentia o mesmo desejo de sentia antes por Barbosa, ou seja, a reciprocidade do desejo não era a mesma. Para tanto, Lenita encontra bilhetes amorosos de outras mulheres guardados por Barbosa. Com isso, ela decide deixar a fazenda, partindo para São Paulo, grávida de Barbosa. Chegando em São Paulo, a moça procura um pai para seu filho, e resolve casar-se com um magistrado que poderia dar nome a seu bebê.

Manoel, ao descobrir as decisões de Lenita, após a leitura da carta direcionada a ele na fazenda sente-se traído, e decide suicidar-se; para ele, a batalha teria acabado, logo, percebera que fora vítima dos prazeres da carne.

3 A Trajetória da Mulher na História

Durante séculos, as mulheres foram estigmatizadas como o sexo frágil que necessitam de cuidados, biologicamente procriadoras e cuidadoras por natureza. Nesse sentido, foram castrados os seus direitos de sonhar, pensar, estudar, andar e viver de maneira livre. Com direito de ser apenas mãe e esposa, a mulher era educada somente para o casamento, atividades domésticas e cuidados dos filhos.

Apesar da pouca visibilidade do movimento feminista no Brasil, essa mobilização favoreceu grandemente as discussões de gêneros em nosso país. Isso contribuiu para grandes conquistas, dentre elas o direito de trabalhar, controle de natalidade, voto eleitoral e de exercer profissões antes realizadas somente por homens. Porém, o patriarcalismo não perdeu seu poder majoritário.

3.1 O Poder Patriarcal

Muitos estudos demonstraram que considerar a relação assimétrica entre sexo masculino e sexo feminino, como uma diferença natural, era uma das principais maneiras para manter as mulheres em posição submissa. Com isso, por muito tempo, as mulheres foram vedadas de pensar, andar, sonhar, ou seja, seus direitos ficavam restritos apenas às obrigações do lar e para satisfazer as necessidades sexuais dos homens.

Alterar essa realidade de discriminação em que ainda vive o sexo feminino não é tarefa fácil, pois a condição de ser mulher é definida em nossa sociedade por uma dominação específica delas como gênero feminino. Isso tem estimulado enormes batalhas para elas e eles que lutam por uma mudança da sociedade.

A restrição do direito da mulher na sociedade decorre muitas vezes mediante a enganosa ideologia da inferioridade feminina.

Na tentativa de incluir nos seres humanos a ideologia de “inferioridade” feminina, recorre-se, frequentemente, ao argumento de que as mulheres são menos inteligentes que os homens. Ora, a Ciência já mostrou suficientemente que a inteligência constitui um potencial capaz de se desenvolver com maior ou menor intensidade, dependendo do grau de estimulação que recebe. [...] não é difícil concluir sobre as maiores possibilidades de se desenvolver a inteligência de uma pessoa que frequenta muitos ambientes, o que caracteriza a vida de *homem*, em relação a pessoas encerradas em casa durante grande parte do tempo, especificidade da *vida de mulher*. (SAFFIOTI, 1987, p. 14).

Portanto, compreende-se que ser mulher está associado a ser inferior. Uma cifra de homens preferem acreditar na superioridade deles, amparados na força física, como um sinônimo de supremacia. Ao manifestar-se contra a exclusão das mulheres, deparamo-nos com atritos e necessidade de mobilização também na família, nos movimentos sociais e nas relações interpessoais. Essa consideração torna-se pertinente pela maneira e pelo fato de que é mais simples identificar a exclusão econômica e política, e mais difícil notar a exclusão e dominação naturalizada em nossa sociedade..

Ao viver num contexto social patriarcal e conservador, a mulher brasileira batalha para assegurar-se no mercado de trabalho. Além disso, tem lutado de maneira ferrenha contra preconceitos e injustiças derivados por causa do seu gênero. A falsa teoria de inferioridade tem sustentado a ideologia sexista em meio à naturalização de que o sexo feminino é organicamente mais frágil, porém a mulher consegue e é capaz de exercer várias profissões e atividades proativamente sem ajuda do homem. E, com o advento das máquinas, o trabalho que exigia maior força física foi automatizado. Dessa forma, o argumento torna-se vago, pois a ela pode ser inserida em atividade da qual deseje, inclusive atividade bélica.

O mero fato de a mulher deter, em geral, menos força física que o homem seria suficiente para "decretar" sua inferioridade? Os fatos históricos indicam que não. Somente para ilustrar esta questão, evoca-se o fato de que em todos os momentos de engajamento de um povo em uma guerra, via de regra, os homens são destinados ao combate, enquanto as mulheres assumem as funções antes desempenhadas pelos elementos masculinos. Por que elas são capazes de trabalhar em qualquer atividade para substituir os homens-guerreiros, devendo retornar ao cuidado do lar uma vez cessadas as ações bélicas? Ademais, nos últimos anos, vem-se assistindo a uma participação crescente de mulheres em atividades bélicas. Contingentes femininos apreciáveis têm participado não apenas de guerrilhas, mas também têm assumido funções em exércitos convencionais. (SAFFIOTI, 1987, p. 12).

A figura feminina é fortalecida na sociedade e se reveste de importância essencial, não somente para a afirmação num contexto de desigualdade e injustiça, mas também para conseguir um desenvolvimento verdadeiramente sustentável. Todavia, manter-se na batalha para fortalecer políticas e programas eficazes que ampliem a participação efetiva da mulher em todas esferas sociais da vida para pleno júbilo dos seus deveres e direitos fundamentais.

Considerar a necessidade da mulher é reivindicar da sociedade a obrigação de respeitar a "Humanidade" delas; representa contribuir para a redução da pobreza e desigualdade social. Ao discutir sobre o papel da mulher no meio social, nota-se a relevância do contexto histórico para fazermos uma reflexão sobre as relações estabelecidas entre homens e mulheres em comunidades primitivas.

A ideia naturalizada de que o pai é o dominador central da família nem sempre foi assim. Isso porque nas comunidades primitivas, a mulher mantinha a função essencial. Nas sociedades matriarcais, era encarregada da manutenção da tribo. Era de sua responsabilidade manter a casa em ordem, lenhava, cozinhava, fazia roupas e calçados. O homem não sabia do seu papel na reprodução humana, a mulher era tida como mantenedora do lar e de dar seguimento a espécie, assumindo o papel de primordial na família. Com isso, era ela que mantinha o controle econômico, deixando reservado para o sexo masculino somente a caça e a pesca.

A inferioridade da mulher está associada a um discurso preconceituoso, sustentado por poucos questionamentos. Uma significativa parte das mulheres não resistiam e acomodavam-se na instituição familiar dominada por homens, que garantiam o sustento, companheiro para vida toda, sentimento de proteção diante os dissabores da vida. Assim, vivendo em função do marido, esquecendo de pensar em si mesma ou no autoconhecimento:

A força desta ideologia da "inferioridade" da mulher é tão grande que até as mulheres que trabalham na enxada, apresentando maior produtividade que os homens, admitem sua "fraqueza". Estão de tal maneira imbuídas desta ideia de sua "inferioridade", que se assumem como seres inferiores aos homens. (SAFFIOTI, 1987, p. 12).

Nesse sentido, a naturalização das obrigações femininas estão centradas nas obrigações domésticas e nos cuidados dos filhos, do marido e da casa. Saffioti (1987, p. 9) salienta que “a sociedade investiu e investe muito na naturalização desse processo. Isto é, tenta fazer crer que a atribuição do espaço doméstico está associada à mulher por sua capacidade de ser mãe”. Essa tendência é suporte para manter uma rede de exploração da mulher, do homem pobre, dos negros e negras.

No tocante ao feminismo, subjaz o poder patriarcal sendo ameaçado por essa força “feminista”, quando a esposa ganha menos que o marido realizando o mesmo trabalho dele, poderia ou deveria ser um momento de revolução, pois a assimetria salarial desfalca a renda familiar. Porém, por uma construção histórico-social. Um contingente de homens acreditam no mito preconceituoso de que “a mulher não pode ganhar igual ou mais que o marido”, o homem é quem manda na casa.

A presença ativa do machismo compromete negativamente o resultado das lutas pela democracia, pois se alcança, no máximo, uma democracia pela metade. Nesta democracia coxa, ainda que o saldo negativo seja maior para as mulheres, também os homens continuarão a ter sua personalidade amputada. E vale a pena atentar para este fenômeno. (SAFFIOTI, 1987, p. 24).

Desse modo, Saffioti afirma que a rede de relações assimétricas alimenta e fortalece um sistema de desigualdade em relacionamentos que poderiam ser simétricos, ou seja, vive-se em constante atrito e prazer pela metade. Nesse sentido, há uma classe política prioritariamente masculina-branco e muito poderosa para manter esse sistema de dominação. O poder patriarcal é o homem sendo representado como dominador de uma parcela da sociedade (mulheres, homens operários e negros).

Assim, e claro o prejuízo que a supremacia masculina causa não apenas às mulheres, mas também aos homens das classes trabalhadoras. Mandar na mulher compensa tamanha perda financeira? Não é demais insistir que a consciência destes fenômenos não brota espontaneamente no seio das classes trabalhadoras. Quem está lutando por um lugar ao sol, competindo por um emprego que lhe garanta a sobrevivência, assim como a de sua família, quem se sente obrigado a prover todas as necessidades do grupo familiar, porque é seu chefe, não tem olhos para a direção em que correm os benefícios deste estado de coisas. Obviamente, a classe patronal tem o maior interesse na existência de categorias sociais discriminadas: mulheres, negros, homossexuais. Quanto mais discriminada uma categoria social, tanto mais facilmente ela se sujeitará a trabalhar em más condições e por baixos salários. (SAFFIOTI, 1987, p.23).

De acordo com Saffioti (1987, p. 6), “Ora, no momento em que o homem entender que ele também é prejudicado pelas discriminações praticadas contra as mulheres, a supremacia masculina estará ameaçada.” Nesse ínterim, a naturalização discriminatória da mulher em

uma sociedade patriarcal também acarreta consequências para o homem que vive o prazer pela metade, afinal de contas, os dois vivem em constante atrito.

A plenitude do prazer só pode ser alcançada quando nenhuma dimensão da personalidade do ser humano - homem ou mulher - é impedida de se desenvolver. Por que não permitir, e mesmo estimular, o desenvolvimento da razão nas mulheres? Por que não incentivar o homem a não reprimir a dimensão afetiva de sua personalidade? Ambos seriam mais completos e, portanto, mais capazes de sentir e dar prazer. (SAFFIOTI, 1987, p. 20).

A relação da mulher subordinada não está dividida entre homens dominadores e mulheres dominadas, mas por, conforme Saffioti (1987, pg. 16), “homens que dominam outros homens, e mulheres que dominam outras mulheres, e mulheres que dominam homens” . Contudo, nota-se que a supremacia masculina atravessa todas as classes sociais, não esquecendo da discriminação racial.

O poder do macho, embora apresentando várias nuances, está presente nas classes dominantes e nas subalternas, nos contingentes populacionais brancos e não-brancos. Uma mulher que, em decorrência de sua riqueza, domina muitos homens e mulheres, sujeita-se ao jugo de um homem, seja seu pai ou seu companheiro. Assim, via de regra, a mulher é subordinada ao homem. (SAFFIOTI, 1987, p. 16).

O entendimento da mulher como um ser que deve batalhar por igualdade, com o gênero masculino, somente se consolidará efetivamente, quando ela tiver sua autonomia política e econômica:

Parece clara a necessidade de um Direito desigual no tratamento de seres humanos socialmente desiguais, com o objetivo de eliminar, ou pelo menos reduzir, as desigualdades. Se as mulheres já se defrontam com grandes dificuldades de reter seus empregos quando se casam ou engravidam, qual seria sua situação caso as Leis não proibissem sua demissão em razão do casamento e da gravidez? Seguramente, a condição da mulher seria pior. (SAFFIOTI, 1987, p. 79).

O aparente desprezar dos homens pela atividade feminina é uma forma de esconder sua dependência, entretanto, por não haver um autoconhecimento de si, o gênero feminino se sujeita à dominação do gênero masculino. Nesse sentido, a mulher ainda é tida como objeto do homem, sua objetificação não a faz perceber a potencialidade de construir seu próprio castelo. A construção feminina é composta por sensibilidade aguçada e de cunho emotivo que geralmente são atributos de críticas pejorativas, sendo ela estigmatizada para não agir com a razão e, sim, com a emoção. Porém à mulher cabe um mundo de possibilidades, e a de ser independente e livre é uma delas.

3.2 A Primeira Feminista no Brasil

Ao considerar o contexto histórico, percebe-se também um processo positivo de evolução ao longo do tempo, no qual a mulher pode se ocupar de diferentes funções além do lar na sociedade:

Nós podemos, pois, facilmente concluir, que, se nosso sexo, como se tem visto até o presente, tem todos os talentos, e requisitos para aprender, e ensinar as ciências, que põem os homens em estado de possuir o poder, e as dignidades, elas são igualmente capazes de reduzir seu saber à prática no exercício de seu poder, e dignidades; pois que esta nação tem mostrado, como acabamos de dizer, muitos exemplos gloriosos de mulheres, que têm todas as qualidades, e requisitos para exercer toda autoridade pública, reunidos em suas pessoas. (LIMA, 2010, p. 102).

Preocupada com a educação das mulheres, Nísia Floresta é a primeira feminista brasileira. Durante séculos, as meninas, no Brasil, não tinham direito a frequentar uma escola, pois, para a sociedade patriarcal, a mulher somente poderia aprender prendas domésticas. Com isso, as próprias mães educavam suas filhas em seus lares. Sendo assim, Floresta (2019, p. 53) considerava que “a falta de uma boa educação é a causa capital que contribui para que a mulher, no meio da corrupção da sociedade, perca esse norte, o qual não é outro mais que a moral”.

A exposição sobre a necessidade de deixar as mulheres na ignorância, além de ser transmitido por longos períodos, também dificulta a conquista dos direitos delas à educação e à profissionalização. Desse modo, Lima (2010, p. 103) afirma que essas relações desiguais provocam um combate e disputas.

A falta de saber e educação, que arrasta as mulheres às ações que os homens reprovam, as priva das virtudes que poderiam sustentá-las contra os maus tratamentos que eles imprudentemente lhes fazem sofrer; faltas dessas virtudes elas imaginam os meios os mais condenáveis para se vingarem de seus tiranos. Donde resulta que em geral os homens e mulheres têm, uns para com os outros, um soberano desprezo e combatem à porfia quem trata pior o outro; quando, pelo contrário, deveriam viver felizes, se ambos os sexos se resolvessem a tomar um pelo outro os sentimentos de estima, que se devem reciprocamente.

Contudo, Nísia Floresta é uma autora defensora ferrenha da educação de qualidade para as mulheres brasileiras, criticava a forma como elas eram excluídas e apontadas como incapazes de ter autonomia e intelectualidade. Lembrando, o sexo feminino não tinha capacidade por não haver oportunidade de estudos e estímulos intelectuais.

Ao evidenciar as dificuldades das jovens, também chama atenção para o índice de analfabetismo no século XIX, que era substancial.

Trata-se de um livro inaugural e pragmático, descortinando um cenário instigante: a realidade brasileira de 1853, na qual o País contava com uma população de aproximadamente nove milhões de habitantes, entre os quais somente 55.500

estavam matriculados nas escolas, sendo de apenas 8.443 a quantidade de mulheres . No Censo realizado em 1872, apurou-se que 23,4% dos homens eram alfabetizados, enquanto somente 13,4% das mulheres sabiam ler e escrever, sendo elas, praticamente, a metade da população (48%). (ALVES, 2019, p. 9).

Para mudar essa realidade de exclusão em que ainda vive o sexo feminino não é tarefa simples, uma vez que a condição de ser mulher é estabelecida em nossa sociedade por uma dominação do gênero masculino. Isso tem colocado empecilhos descomunais para elas e eles que lutam por uma reforma geral da sociedade. Floresta (2010, p. 43) já afirmava que:

Não nos embala a vã pretensão de operar uma reforma no espírito de nosso país; por demais sabemos que muitos anos, séculos talvez, serão precisos para desarraigar herdados preconceitos, a fim de que uma tal metamorfose se opere. Esperamos somente que os zelosos operários do grande edifício da civilização, em nossa terra, atentem para os exemplos que a história apresenta, do quanto é essencial aos povos, para firmarem a sua verdadeira felicidade, o associarem a mulher a esse importante trabalho.

Todavia, nota-se que o substantivo mulher era perfeitamente caracterizado pelo adjetivo inferior. Os homens afirmam e acreditam em sua supremacia, exteriorizando-a por meio da força física, intelectualidade e domínio da ciência como sinônimo de domínio total.

Ao manifestar-se contra a exclusão das mulheres, deparamo-nos com embate e carência de mudanças na família, no governo, nos movimentos e programas sociais. Vivendo numa sociedade sexista e conservadora, a mulher brasileira tem batalhado para garantir seu espaço no mercado de trabalho. Além disso, existe uma grande batalha contra preconceitos e injustiças advindos pelo fato de elas serem elas. Nísia Floresta no século XIX travou uma luta por mais direitos para as mulheres:

Enquanto os homens do poder se ocupam dos melhoramentos materiais, esperamos confiantes daqueles um remédio mais pronto e, porventura, mais profícuo ao nosso melhoramento moral. A leviandade, comum a quase todos os povos, de julgarem as coisas pela aparência, tem grande elástico entre nós. Apesar de nos ter a experiência inúmeras vezes mostrado quanto há de perigoso nesta leviandade, nenhuma precaução tomamos para triunfar dela, ao menos naquilo que tanta influência pode ter no porvir de nossos filhos. (FLORESTA, 2019, p. 71).

Nísia Floresta no século XIX travou uma luta para atenuar os preconceitos ainda predominantes em nossa sociedade:

Nada, porém, ou quase nada temos visto fazer-se para remover os obstáculos que retardam os progressos da educação das nossas mulheres, a fim de que elas possam vencer as trevas que lhes obscurecem a inteligência, e conhecer as doçuras infinitas da vida intelectual, a que têm direito as mulheres de uma nação livre e civilizada. Deus depôs no coração da Brasileira o germe de todas as virtudes; vejamos o impulso, que o governo e os homens da nossa nação têm dado a este germe precioso; como têm eles cultivado e feito desabrochar as flores, madurar os frutos que se deve

esperar de uma planta de abundante seiva, sob os cuidados de um hábil e sábio horticultor. (FLORESTA, 2010, p. 42).

Entretanto, o momento histórico em que vivemos é caracterizado pela superação de barreiras. Essas mudanças são naturais na posição de categoria de indivíduos. Isso ocorre também com o sexo feminino, que por muito tempo foi submisso e excluído pelo masculino. Sendo assim, a mulher tem direitos iguais aos homens, porém esta deve estar consciente de que há muito a ser conquistado, inclusive a valorização da sua classe no trabalho, na sociedade ou na própria família.

3.3 Outras reflexões

A busca da importância social da mulher procura igualdade entre ela e o homem. Por isso, a questão da igualdade causa uma reflexão estimulante. A igualdade da mulher face ao sexo masculino seria uma questão simples de ser resolvida; por outro lado, depende de como as mulheres associam a extensão entre o sexo masculino e sexo feminino.

A modernidade trouxe consigo o movimento de aproximação de mundos, as mulheres cada vez mais presentes nos territórios do masculino. O fato mesmo de escrever é um sintoma dessa aproximação. Mas isso não é suficiente para apagar a dicotomia fundadora que faz com que masculino e feminino, enquanto corpo e experiência existencial, relembrem a cada instante a cicatriz do Andrógino, fronteira dos interditos que definem o horizonte de cada um. O que significa, como já dissemos, que duas culturas coexistem e convivem, disfarçadas em uma só. Uma cultura feminina ancestral, feita de experiência física e psíquica, incide sobre a expressão feminina. Quer elas escrevam na amargura contra a discriminação, quer escrevam afirmando igualdade ou sublinhando a diferença, em quaisquer dessas circunstâncias é a identidade que se procura pelos caminhos da diferença e da diversidade. (OLIVEIRA, 1991, p.128-129).

Nesse viés, a mulher tenta ser parecida com o sexo masculino, ou seja, ela, para se fazer acreditar, procura uma significativa semelhança com o homem, duas pessoas de cultura distinta que tentam se homogenizar. Porém, essa unicidade foi perdida.

Já não se pode mais cogitar uma mulher como submissa, entretanto ela deve conhecer sua função social como parceira do homem e partir para uma igualdade de gênero, tanto no contexto social, como no financeiro, refletindo em sua atuação na simetria de relacionamento cada vez mais concreta. Cada um respeitando a singularidade do outro, para ser parceira não há necessidade de anular-se para viver a vida do outro.

Ao considerar as mudanças comportamentais da sociedade, ainda prevalecem os comportamentos sexistas e excludentes. Pais e mães têm a função de educar os filhos, podendo contribuir, positivamente ou negativamente, ao desenvolver pequenas iniciativas que

contribuam para reduzir a desigualdade entre o sexo masculino e o feminino, por exemplo: ensinar que as atividades domésticas é um dever de todos; apresentar que homens e mulheres são iguais. E com isso promover um bom comportamento para uma sociedade melhor.

Apesar das dificuldades, faz-se necessário não desistir de se querer ter uma sociedade mais igualitária. As ideologias permanecem existindo, como a declaração “mulher é mulher, por isso não se pode querer se comparar ao homem”.

Conforme considera Studart (1974, p. 40), a mulher necessita sair de casa para trabalhar, pois ela necessita mostrar ser capaz de lutar contra ocorrências desfavoráveis, já que devido uma construção histórica ela se contenta com tudo. “No interesse da humanidade, ainda em estado carencial - e de si mesmas, que necessitam sair da apatia e do não-ser para a criação, as mulheres têm que reivindicar o direito e o dever do trabalho”. No entanto, é válido salientar que, no meio social, a mulher deve sustentar a ação do ser humano e exercer a sua responsabilidade de acordo com a sua posição social ou grau de intelectualidade, mas um suposto grau fraco de intelectualidade não a diminui como um ser que deve ser aceita diante da sociedade.

Há várias coisas que devem ser realizadas para que as discriminações sejam excluídas do interior da sociedade e, em especial, do sistema explorador. Este sistema tem o objetivo de explorar o indivíduo em troca de migalhas e cuja finalidade é concentrar e aglomerar o capital em um sistema capitalista. O direito da mulher como ser que tem direito aos “Direitos Humanos” devem ser respeitadas, porém, para muitos, o sexo feminino ficou restrito à “dona de casa”. Para que o mundo impulsione e desenvolva dentro dos princípios de sociedade justa, de constância e de empatia, pois um cotidiano com conflitos, com lutas e exclusão não pode progredir de maneira que proporcione a todos uma vida com equidade.

4 LENITA E O CONTEXTO PATRIARCAL

O contexto no qual Lenita estava inserida apresenta-nos o modo como a mulher pode ser vista. Lenita é uma moça que não se enquadra no perfil da mulher idealizada do período literário Romântico. Nota-se uma jovem forte, estudada, autônoma e com desejo. Porém, os desejos da *carne* a fazem desconhecer a si mesma. No final do século XIX, uma mulher emancipada causava muito espanto.

Essa obra, de bastante relevância, leva-nos ao estudo da sociedade patriarcal ainda predominante em nossa sociedade. Lenita vive o paradoxo de ser feminina e de entregar-se aos desejos fisiológicos da *carne* e “masculino” com gosto pela ciência, a caça, e a violência.

4.1 Mulher branca e mulher negra

A melhor maneira de identificar-se é colocar-se no lugar do outro. No entanto, a própria mulher não consegue se sensibilizar com seu gênero. A opressão das mulheres que muitas vezes são rotuladas como menos capazes de fazer ciência, expor opinião ou capacidade de decidir por elas mesmas é ideiação para manter a opressão feminina. A escravidão presente no final do século XIX apresentada no livro *A carne*, demonstra diferenças entre a mulher branca e a mulher negra.

O estigma racial representado à mulher negra restringe-a à condição de escrava que servia à família patriarcal. Nesse contexto, está a sexualização do corpo da mulher negra, vítima de um sistema sexista que é amparado por um contexto social machista. Dentre muitas desigualdades entre homens e mulheres numa sociedade significamente sexista, há também, diferença e privilégio entre mulher branca e mulher negra. O vulgar, o animalesco para a mulher branca era associado à mulher negra, vejamos;

Quisera voar de surto, remontar-se às nuvens, mas a *carne* a prendera à terra, e ela tombara, submetera-se; tombara como a negra boçal do capão, submetera-se como a vaca mansa na campina. Revoltada contra a metafísica social, pusera-se fora da lei da sociedade, e a consciência castigava-a, dando-lhe testemunho de quanto ela descera abaixo do nível comum da mesma sociedade. (RIBEIRO, 1972, p. 160).

A mulher negra e a naturalização dos seus serviços estão associados ao servir pessoas de pele branca. Por isso, identifica-se a desigualdade da mulher branca para a mulher negra. Contudo, a mulher serviçal que organiza a casa, faz comida, cuida dos filhos e dos outros afazeres foram naturalizados à negra. O negro, por muito tempo escravo, não conseguira retirar o estigma de inferioridade.

Sendo que, os mesmos sentimentos sentidos por uma mulher branca, também, são sentidos pela mulher negra. Por não haver o conhecimento e o poder da patroa, há uma distância que as separa, porém somente a solidariedade ajudaria a diminuir esse distanciamento. O respectivo papel da mulher é atribuído a não inclinação a intelectualidade, por sua natureza emotiva e que não costuma apresentar racionalidade, e isso é evidenciado na mulher negra, a qual é descrita como uma classe inferior por ser do sexo feminino e negra, desse modo, a mulher de modo geral é estigmatizada inferior ao homem.

Um assobiar requebrado e terno que se fazia ouvir no riacho fê-la voltar para esse lado. Olhou, viu Rufina, uma crioula nova de seios pulados e duros, de dentes muitos brancos. Chapinhava na água rasa da corredeira, de cabeça alta, risonha, erguendo as fraldas muito alto, descobrindo-se até o púbis, mostrando as coxas grossas, musculosas de um negro mate arroxado.[...] Por uma trilha do alcantil oposto um preto, moço vigoroso, desceu a correr, atravessou rápido a corredeira, intentou-se por sua vez no capão.[...] Lenita ouviu um murmurar confuso de vozes intercortadas, viu agitarem-se uns ramos e, pelos interstícios dos troncos, por entre o emaranhado dos galhos, lobrigou indistintamente uma como luta breve, seguida pelo tombar desamparado, pelo som baço de dois corpos a bater a um tempo no solo arenoso do matagal. (RIBEIRO, 1972, p. 76-77).

Contudo, o desejo, o instinto, a fêmea da espécie humana não estão restritos à mulher negra, mas também à branca:

Lenita mais compreendeu do que viu. Era a reprodução do que se tinha passado, havia momentos, mas em escala mais elevada: à cópula, instintiva, brutal, feroz, instantânea dos ruminantes, seguia-se o coito humano meditado, lascivo, meigo vagaroso. Abalada profundamente em seu organismo, com a irritação dos nervos aumentada por essas cenas cruas da natureza, torturada pela *carne*, mordida de um desejo louco de sensações completas, que não conhecia, mas que adivinhava, Lenita recolheu-se titubeando, fraquíssima. (RIBEIRO, 1972, p.77)

O que não pode ser negado é a igualdade fisiológica de ambas as mulheres. Os instintos animais podem ser vivenciados ou manifestados tanto na mulher branca, quanto na mulher negra. Entretanto, ser mulher branca ou negra, não as distingue, melhor dizendo, as mulheres (branca e negra) são biologicamente e fisiologicamente iguais. Porém, a negra é caracterizada como um ser de menor valor e sexualidade exacerbada. Na visão de Lenita, as criadas estavam associadas ao vulgar, promíscuo e destituído de sentimentos; “Que era aquilo? Perguntou-se a si própria. Pois ela era mulher para chorar, para carpir-se, como qualquer criadinha de servir, violentada pelo filho do patrão? Não! Caíra, mas caíra vencida por si só, por seu organismo, por seus nervos” (RIBEIRO, 1972, p. 160-161). E isso não as difere dos desejos genésico fisiológicos.

A submissão da mulher negra é ainda maior que a da mulher branca, pois aquela se sujeita aos mandados da patroa, marido, casa e filhos. Nesse sentido, Lenita foi privilegiada pelos cuidados de uma criada que a cuidava desde bebê. “Esta graça às qualidades da ama que lhe foi dada, cresceu sadia e robusta, tornado desde logo a vida, a nota alegre do eremitério que se constituíram Lopes Matoso” (RIBEIRO, 1972, p. 23).

Dentro de um sistema patriarcal colonialista, em que as mulheres negras eram obrigadas a servir seus donos ainda criança, elas passaram a ser classificadas como fortes e viris para o trabalho. Entretanto, Lenita, a protagonista do romance apresentava dualidade feminina e masculina. Pelo lado masculino comportava-se com violência, sadismo e caça, ao

passo que pelo feminino não se preocupava com estudos científicos, apenas com o desejo animal que lhe sucedera.

Tornara-se garrida: mirava-se muito ao espelho, cuidava com impertinência do alinhamento do vestir, ornava os cabelos que eram muitos pretos, com flores de cor muito viva. Abusava de perfumes: a sua roupa branca recedia a vetiver, a sândalo, a ixora, a *peau d'Espagne*. Corria, saltava, fazia longas excursões a cavalo, quase sempre, estimulando o animal com o chicotinho, com o chapéu, de faces rubras, brilhantes os olhos, cabelos soltos ao vento. (RIBEIRO, 1972, p.37).

O contexto social que cercava Lenita é completamente natural à escravidão. Por isso ela não conseguia se ater ao sofrimento das mulheres e escravos que a serviam. Os serviços da casa ficavam restritos às serviçais, no entanto, a mulher branca gerenciava os afazeres das escravas. No mundo capitalista, a desvalorização do outro é afirmada pelo sistema. A suposta inferioridade está associada à manutenção de um sistema dominante da sociedade.

4.2 Características do feminino em Lenita

A personagem Lenita no livro *A carne*, de Júlio Ribeiro, publicado no final do século XIX, escandalizou a sociedade, provocando incômodo, pois estava habituada a ver a mulher passiva e inferior ao homem. Porém, a personagem de Júlio Ribeiro causou espanto não pelo erotismo protagonizado, mas pela razão de ser uma mulher autônoma, intelectual, rica e inteligente. Uma mulher formosa que não tinha vergonha de observar-se.

Morena clara, alta, muito bem lançada, tinha braços e pernas roliças, musculosas, punhos e tornozelos finos, mãos e pés aristocraticamente perfeitos, terminados por linhas róseas, muito polidas. Por sob os seios rijos, protraídos, afinava-se o corpo na cintura para alargar-se em quadris amplos, para arredondar-se de leve em um ventre firme, ensombrado inferiormente por velo escuro abundantíssimo. Os cabelos pretos com reflexões azulados caíam em franjinhas curtas sobre a testa, indo frisar-se lascivamente na nuca. O pescoço era proporcionado, forte, a cabeça pequena, os olhos negros vivos, o nariz direito, os lábios rubro, os dentes alvíssimos na face esquerda tinha um sinalzinho de nascença, uma pintinha muito escura, muito redonda. (RIBEIRO, 1972, p.39).

Em contraponto ao fato de a educação feminina ser realizada somente por mulheres, notamos que Lenita foi educada pelo pai que tentava dar-lhe os melhores ensinamentos possíveis. Todavia, o pai educou uma moça inteligente. Isso vai na contramão da maioria das jovens do século XIX, pois uma menina criada pelo pai tinha conhecimentos científicos acima do normal para a época.

Leitura, escrita, gramática, aritmética, álgebra, geometria, geografia, história, francês, espanhol, natação, equitação, ginástica, música, em tudo Lopes Matoso exercitou a filha porque em tudo era perito: com ela leu os clássicos portugueses, os autores estrangeiros de melhor nota, e tudo quanto havia de mais seleta na literatura. (RIBEIRO, 1972, p. 24).

As principais características de Lenita eram sua independência, autonomia e intelectualidade, desafiando uma sociedade conservadora, que ainda acreditava na incapacidade das mulheres de portar ou realizar as mesmas atividades praticada por homens.

Lenita teve então ótimos professores de línguas e de ciências; estudou italiano, o alemão, o inglês, o latim, o grego; fez cursos muitos completos de matemática, de ciências físicas, e não se conservou estranha às mais complexas ciências sociológicas. Tudo lhe era fácil, nenhum campo parecia fechado a seu vasto talento. (RIBEIRO, 1972, p. 24).

A dualidade da jovem no decorrer do romance é nítida, ela inicialmente é constituída de uma mulher intelectual, racional, que não tinha preocupação com casamento. “Não achas, de certo, homem algum digno de ti? - Não é por isso, é por que ainda não sinto a tal necessidade do casamento” (RIBEIRO, 1972, p. 25). Para Lenita, o matrimônio não seria a salvação de sua vida, pois ela era constituída de riqueza e inteligência, ou seja, sua superioridade não a fazia pensar em casamento; “O casamento é uma necessidade, já não digo social, mas fisiológica” (idem, 1972, p. 25). Ela quebra a necessidade de ser protegida pelo macho (marido) dentro de uma sociedade patriarcal.

Apesar de haver uma quebra nos padrões sexistas, a moça não tinha pretensão de casar-se e de ser protegida pelo cônjuge, sendo forte e autônoma, ainda necessitava do pai para dar-lhe segurança. Até a morte de Lopes Matoso, ela se comportava como menino, sua racionalidade preocupava ao pai:

Os grandes homens em geral não são bons maridos. Demais que tais senhores grandes homens escolhem quase sempre abaixo de si, porque eu que, na opinião de papai, sou mulher superior, não faria como eles, escolhendo marido que me fosse inferior?”(RIBEIRO, 1972, p. 25).

Após a morte de Lopes Matoso, Lenita deixou o seu lado superior para agir de maneira mais sensível e feminina; “E Lenita sentia-se outra, femininizava-se. Não tinha mais gostos viris de outros tempos, perdera a sede pela ciência: de entre os livros que trouxera procurava os mais sentimentais” (RIBEIRO, 1972, p. 31). Nesse sentido, a moça sentia necessidade de ter um envolvimento sentimental, violento e sexual.

Rememorava por vezes as mudanças, as alternativas fisio-psíquicas por que tinha passado na fazenda, onde não encontrara uma pessoa de sua idade, de seu sexo ou de sua ilustração a quem comunicar o que sentia, que a pudesse compreender, que a pudesse aconselhar que a pudesse fortalecer nessa terrível batalha dos nervos.

Analisava a crise histérica, o erotismo, o acesso de crueldade que tivera. Estudava seu abatimento atual irritadiço, dissolvente, cortado de desejos inexplicáveis. Surpreendia-se amiudadas vezes a pensar sem querer no filho do Coronel, nesse homem já casado, a quem nunca vira; sentia que lhe pulsava apressado o coração quando falavam nele em sua presença.(idem, 1972, p. 53-54).

O desabrochar feminino de Lenita inicia-se na fazenda do tutor de seu pai, apesar de o momento ter sido muito dolorido, ela continuou organizando as contas da casa, viajando sozinha. Porém, é nesse momento que se nota a sua fragilidade emocional.

Uma languidez crescente, um esgotamento de forças, uma prostração quase completa ia se apoderando de todo o seu ser: não lia, o piano conservava-se mudo. Com a morte do pai, parecia ter-se transformado a natureza: já não era forte, já não era viril como em outros tempos. Tinha medo de ficar só, tinha terrores súbitos. (RIBEIRO, 1972, p. 28.)

A transformação de uma menina que foi educada como um menino, a qual se torna mulher aos vinte dois anos de idade, quando ela começa a ter pensamentos e necessidades fisiológicas. A fragilidade, a emoção e a resignação são valores definidos para mulheres, são características que não as impedem de exercer atividades. A morte do pai desestabiliza o emocional da jovem e contribui para processo de metamorfose. A dor lancinante desencadeou hormônios luxuriantes nela.

Lenita quase enlouqueceu de dor: o imprevisto do sucesso, o vácuo súbito e terrível que se fez em torno dela, a superioridade e cultura do seu espírito que refugia a consolações banais, tudo contribuía para acendrar-lhe o sofrimento. Dias e dias passou a infeliz moça sem sair do quarto, recusando-se a receber visitas, tomando inconsciente, a instância dos fâmulos, algum ligeiro alimento (RIBEIRO, 1972, p. 25).

Desaparece a mulher irreverente contumaz, para uma mulher triste, sensível, que procura isolamento numa fazenda: “Uma semana depois estava Lenita instalada na fazenda do velho tutor de seu pai: tinha levado consigo o seu piano, alguns bronzes artísticos, alguns bibelots e muitos livros” (RIBEIRO, 1972, p.26). Porém, o isolamento optado por ela não saiu como o esperado, a solidão, a tristeza e as lembranças do pai permanecia incessante:

Pior do que na cidade, horrível foi a princípio o isolamento de Lenita na fazenda. A velha octogenária, além de entrevada, era muito surda. O coronel Barbosa, pouco mais moço do que a mulher, sofria de reumatismo, e, às vezes, passava dias e dias metido na cama. O filho, divorciado, estava caçando havia meses no Paranapanema... Apertava-lhe, constrangia-lhe o ânimo a lembrança do pai. E tudo lho fazia lembrar - uma passagem marcada a unha em um livro, uma folha dobrada em outro. (RIBEIRO,1972, p. 27).

Lenita também apresenta sintomas físicos e comportamentais, os quais afetam sua saúde. Eles alteram os níveis de hormônios no cérebro e interferem no sistema nervoso

central; são inquietações e mal-estar sentidos por mulheres em períodos anteriores às regras, sendo ela acometida por Tensão Pré-menstrual(TPM).

Fez um esforço enorme, arrancou-se do feitiço que dementava, e, vacilante, encostando-se aos móveis e às paredes, recolheu-se ao seu quarto, fechou com dificuldade as janelas, atirou-se vestida sobre a cama. Jazeu imóvel largo espaço. Uma umidade morna, que se lhe ia estendendo por entre as coxas, fê-la erguer-se de súbito, em reação violenta contra a madorra que a prostrara. Com movimentos sacudidos, nervoso, atirou o xale, desabotoou rápido o corpete, arreventou os coses da saia preta e das anáguas, ficou em camisa. Uma larga mancha vermelha, rútila, viva, maculava a alvura a cama. Jazéu imóvel largo espaço. Uma umidade morna, que se ia estendendo por entre as coxas, fê-la erguer-se de súbita em reação violenta contra a madorra que a prostara. Com movimentos sacudidos, nervoso atirou o xale, desabotoou rápido o corpete, arreventou os coses da saia preta e das anáguas, ficou em camisa. Uma larga mancha vermelha, rútila, viva, maculava a alvura da cambraia. Era a onda catamenial, fluxo sanguíneo da fecundidade que ressumava de seus flancos robustos como da uva esmagada o mosto rubejante. Mais de cem vezes já a natureza se tinha assim nela manifestado, e nunca lhe causara o que ela então estava sentindo. (RIBEIRO, 1972, p. 33).

E, pois, a dor e a tristeza despertaram sensações não conhecidas pela personagem, a sua feminilidade pareceu mais perceptível. Os seus gostos por leituras tornam-se desinteressantes, ou mudaram por leituras românticas, perda de interesses pela ciência e mal-estar constante. A necessidade fisiológica e determinista, trazia à tona sua necessidade e luxúrias de uma fêmea com desejo ardente:

Lenita não se podia arredar, estava presa, estava. Sentia-se fraca e orgulhava-se de sua fraqueza. Atormentava-a um desejo de coisas desconhecidas, indefinido, vago mas imperioso, mordente. Antolhava-se lhe que havia de ter gozo infinito se toda força do gladiador se desencadeasse contra ela, pisando-a, machucando-a, triturando-a, fazendo-a em pedaços. E tinha ímpeto de comer de beijos as formas masculinas, estereotipadas no bronze. Queria abraçar-se, queria confundir-se com elas. De repente corou até a raiz dos cabelos. Em um momento, por uma introspecção súbita, aprendera mais sobre si própria do que todos os seus longos estudos de fisiologia. (RIBEIRO, 1972, p. 32).

Ainda que Lenita tivesse conhecimento, ela não conseguiria fugir de ser fêmea. Sua criação na fazenda como um menino brincando, subindo em árvore, caçando e estudando, mesmo assim, fazia da personagem uma desafiadora da supremacia masculina. Contudo, ela se percebeu com gostos diferentes dos habituais, almejando a violência do macho, o amor eros.

A cerviz taurina, os bíceps encaroçados, o tórax largo, o pélvis estreito, os pontos retraídos das inserções musculares da estátua, tudo parecia corresponder a uma ideal plástico que lhe vivera sempre latente no intelecto, e que despertava naquele momento, revelando brutalmente a sua presença. Lenita não se podia arredar, estava presa, estava fascinada. (RIBEIRO, 1972, p. 32).

Cercada por desejos nunca sentidos tão fortemente, a personagem começou a almejar por homens fortes, e nisso se nota necessidade de ser protegida, amada e de matar o desejo da

carne. Nesse sentido, a mocinha procura saciar seus anseios fisiológicos, em sonhos com um homem robusto e viril, deixando de ser a mulher que se achava superior aos homens, e entregando-se à cobrança do organismo (cio), obedecendo à imposição do instinto humano:

O semilíquido erótico que tivera no quarto de Barbosa fora a confirmação de uma suspeita: reconheceu que amava a esse homem, loucamente, perdidamente. Ante a brutalidade do fato, ao pungir gozoso e acerba da revelação da carne, revoltara-se com orgulho, esquivara-se em último assomo a resistência, evitara a Barbosa na véspera da partida. (RIBEIRO, 1972, p. 103).

Ao notar pensamentos e vontades estranhos, Lenita não consegue desencorajar seus desejos por coisas não habituais, animais, alimentos salgados e sádicos. O sadismo a deixa em êxtase de gozo. O amor Eros fez-se presente no comportamento da personagem, e sua vontade de entregar-se aos desejos luxuriantes da carne a tirava de seus princípios viris, masculino.

Uma obsessão mordente sabia-lhe dá periférica do corpo, comprimia-lhe o coração, atordoava-lhe o cérebro. Sentia picadas na pele, tinha calafrios, zuniam-lhe os ouvidos. Sugando-lhe as feridas feitas pelos agulhões da cobra, Barbosa retirara um veneno, mas deixara outro. Lenita nunca mais cessara de sentir a sucção morna, demorada, forte, dos lábios de Barbosa em torno da picada no peito do pé. A sensação estranha, deliciosa incompatível que produzira essa sucção perdurava, vivia: mais ainda, multiplicava-se, alastrava. Era um formigamento circular que lhe trepava pelas pernas, que lhe afagava o ventre, que titilava os seios, que lhe comichava os lábios. Ela queria Barbosa, desejava Barbosa, gania por Barbosa. Esperar até o amanhecer: uma! duas! Três! quatro! cinco! seis horas! Ouvir o tic-tac do relógio, lento, medido, regular, igual, metálico, monótono, impiedoso; ouvi-lo sessenta vezes por minuto, três mil e seiscentas vezes por horas que faltava para amanhecer? Impossível! Ergueu-se e, descalça, em camisa, inconsciente, louca, abriu a porta, atravessou a sala, abriu a outra porta, saiu na ante-sala, enfiou pelo corredor, parou junto à porta do quarto de Barbosa, a escutar. [...]. Lenita perdeu completamente a cabeça, entrou em bicos de pés, sem fazer rumor, escorregando, deslizando, como um fantasma, abeirou-se da cama de Barbosa. [...] Um tropel de ideias desordenadas agitou-se-lhe, confundiu-se-lhe o cérebro excitado; o raciocínio ausentou-se, venceu o desejo, triunfou a sugestão da *carne*. (RIBEIRO, 1972, p. 140).

Com a incapacidade de mudar sua natureza feminina, a necessidade de cuidar de um ser, também, apresenta-se de maneira arrebatadora a vontade de cuidar, amamentar e ter um filho para que ela pudesse ter alguém que dependesse dela. Assim, a virilidade de Lenita dá lugar a uma fêmea com desejos animais. Sua virilidade até os vinte dois anos de idade não prossegue, pois a perda do pai a desvinculou da dependência emocional dele. É notável a grande afetação emocional da personagem a Lopes Matoso: “Lenita enlouqueceu de dor: o imprevisto do sucesso, o vácuo súbito e terrível que se fez em torno dela, a superioridade e a cultura do seu espírito que refugia a consolação banais, tudo contribuía para acendrar-lhe o sofrimento.” (RIBEIRO, 1972, p. 25).

Com a convivência restrita, não tinha pessoas de sua idade para conversar ou fazer companhia, além dos criados e o casal de idosos. Em sua solidão Lenita, começou a desenvolver uma paixão platônica pelo filho do Coronel, que, de início, investigava e perguntava sobre o filho do Coronel, e com isso desenvolveu uma paixão por Barbosa, mesmo sem o conhecer. Ela não conseguia tirar do pensamento e imaginar quando ele chegaria.

E Lenita daí em diante pensou sempre, mesmo a seu pesar, nesse homem excêntrico que, tendo vivido por largo espaço entre os esplendores do mundo antigo, a ouvir os corifeus da ciência, a estudar de perto as mais subidas manifestações do espírito humano; que, tendo desposado por amor, de certo, uma das primeiras mulheres do mundo, uma parisiense, se deixara vencer pelo tédio a ponto de se vir encafiar em uma fazenda remota do oeste da província de São Paulo, e que, como isso não lhe bastasse, lá ia para o sertão desconhecido a caçar animais ferozes, a conviver com bugres bravos. Sabia que era homem de quarenta anos, pouco mais moço do que lhe morrera o pai. Figura-o em uma virilidade robusta que, se já não era velhice; emprestava-lhe uma plástica fortíssima, atlética, e do torso do Belvedere; dava-lhe uns olhos negros, imperiosos, profundos, dominadores. Ansiava por que lhe chegasse a notícia de que ele vinha vindo, de que já tinha pedido os animais para transportar-se da estação da fazenda. (RIBEIRO, 1972, p. 44-45).

Apesar de seu instinto animalesco, predador, Lenita não procurara criado algum para saciar seus desejos, mas continuava construindo o personagem Barbosa como seu príncipe. Seu encantamento inicial é saber que ele tinha a mesma paixão que ela pelas ciências. No entanto, um caçador forte, robusto, atlético aparecia constantemente em seus pensamentos e fantasiava-o. “ Pensava constantemente, continuamente, sem o querer, no caçador excêntrico do Paranapanema, via-o a todo momento junto de si, robusto, atlético como ideara, dialogava com ele.” (RIBEIRO, 1972, p. 48).

O modo de vestir também demonstrava a necessidade de Lenita se mostrar a Barbosa. Todavia, a paixão platônica e a ilusão foram frustradas, porque as expectativas tornam-se desconstruídas ao conhecer o cavalheiro que desencoraja a paixão utópica. Com a sensibilidade atingida, e virilidade esquecida, Lenita chora de decepção e desencanto, não agindo mais com a razão, mas com emoção.

Lenita veio da sala, adiantou-se para o recém-chegado, cumprimentou-o com uma inclinação de cabeça. Ele tirou o chapéu alagado, retribuiu o cumprimento. -Um seu criado, minha distinta senhora. Desculpa-me a não apertar-lhe a mão: estou imundo, estou que é só barro na cabeça aos pés. Manuel Barbosa era homem de boa altura, um tanto magro. A roupa molhada colava-se-lhe ao corpo, acentuando-se as formas angulosas. Cabelos desmesuradamente grandes, empastadas, escorrendo água, cobriam-lhe a testa, escondia-lhe as orelhas. As barbas grisalhas, crescida, davam-lhe um aspecto inculto, quase feroz. Com a enxaqueca estava pálido, baço, terroso. Piscava muito os olhos para furtar-se à ação da luz. Tinha as pálpebras batidas, trêmulas, e muitos pés de galinha encarquilhavam-lhe os cantos externos

dos olhos. Lenita, desapontadíssima, mirava-o com uma curiosidade dolorosa. (RIBEIRO, 1972, p.56-57).

Porém, flores e pedidos de desculpas são ofertados à moça, e ela o perdoa pelo desentendido. Talvez o sonho de toda mulher seja receber flores e um belo pedido de desculpas quando o macho age de forma negligente ou bruta.

Em um instante, como por ação elétrica, seus sentimentos se tinham transformado: aos ardores pelo homem ideal da cisma histórica, à antipatia pelo homem da antevéspera, entrevisto em circunstâncias desfavoráveis todas, sucedera aí nesse lugar, repentinamente um afeto calmo e bom que a subjugava, que a prendia a Barbosa. (RIBEIRO, 1972, p. 64).

A fêmea procura o homem para dar-lhe garantias de segurança e sexo, ou seja, ela, desde os primórdios, prefere os vencedores de lutas e caçadores. Mas, o comportamento masculino é naturalizado por sua violência, entretanto, para conquistar seu par, ele prefere ser dócil e agradável para impressionar sua presa (mulher).

A conversa agradável e o conhecimento científico de Barbosa encantam a moça que continuava amando-o platonicamente. As características de um homem maduro, tranquilo, conhecedor de ciências, viajado, divorciado e que gostava de caçar. O adjetivo de homem divorciado poderia ser um empecilho para o amor de Lenita, porém esse fato não desencoraja seus anseios por Barbosa, ela somente queria saciar o desejo da carne. “Não ela não amara, ela não amava a Barbosa. O que sentira fora uma atração paulatina gradual, viciosa, mórbida”. (RIBEIRO, 1972, p. 160).

Um acumulado de acontecimentos desestabilizaram a moça, dentre eles, a perda do pai, a solidão na fazenda, desejos sádicos e paixão por Barbosa. O homem divorciado pelo qual estava apaixonada remetia seu pai, ou seja, ela notava alguma semelhança com o jeito protetor e amadurecido de Lopes Matoso. Ela “achava nele que era de bonomia superior, de familiaridade comunicativa que lhe lembrava Lopes Matoso”. (AUTOR, ANO,p.64).

A mulher superior que pensava em casar somente para procriação também não almejava um homem inteligente; para ela só haveria necessidade para continuação da espécie, entretanto, o instinto feminino cobrou seu preço e Lenita entregou-se ao deleite dos hormônios. A sua superioridade declinou, isso porque ela já não era a moça viril de antes.

A admiração, o cortejo, a conversa agradável, tudo isso agradava os ouvidos da moça que tinha necessidade de ser a fêmea no seu isolamento. A vontade de ter um marido era-lhe plausível, e não mais nenhum absurdo. Assim, independentemente de sua virtude intelectual, Lenita esqueceu-se da consequência da cópula, a gravidez. “Correu ao cômodo, puxou uma

gaveta, tirou um calendário-zinho de algibeira, percorreu os meses, virando as folhas com rapidez: estava em 20 de agosto, e o último dia marcado com uma cruzinha vermelha era o dia de São Pedro, 29 de Junho. Mediava um espaço de 52 dois dias [...]”. (RIBEIRO, 1972, p. 161).

Após construir um amor e pensar-se única na vida Barbosa, Lenita percebe-se com ciúmes de algumas cartas de ex-amantes dele. Ao exibir sua fragilidade com choro, decepção e sentir nojo do comportamento do moço, ela descobre que terá um filho, e com isso começa a procurar um marido e pai para o seu filho ou filha, uma vez que, em uma sociedade patriarcal, uma mãe solteira, seria escandaloso. Nesse sentido, a mulher forte, destemida, de amor livre, não consegue desafiar o poder patriarcal que domina o contexto social feminino. A mulher superior é vencida pela necessidade de dar um nome ao filho e a ela mesma.

Estou grávida de três meses mais ou menos. Preciso de um pai oficial para nosso filho: *ora pater est is quem instae nuptiaedemonstrant*. Se tu fosses livre, fazíamos justas na igreja as núpcias naturais, e tudo estava pronto. Mas tu és casado, e a lei de divorcio, aqui no Brasil, não permite novo enlace: tive que procurar outro. “Tive de procurar” é um modo de dizer: o outro deparou-se-me, ofereceu-se-me; eu me limitei aceitá-lo e ainda impus-lhe condições. (RIBEIRO, 1972, p. 174).

A ilusão de ter sido única na vida do moço também a frustrara. Para ela as noites de amor eros que tiveram foram únicas aos dois; entretanto, Barbosa já havia tido outras experiências amorosas. “Aquele homem era um devasso, um Dom João de pacotilho, e ela Lenita, não passava de uma das muitas amantes.” (RIBEIRO, 1972, p. 159). Isso evidencia a característica da mulher de fantasiar o fato de querer ser a única, a melhor, que marcou a vida do homem ou que fora mais especial, melhor dizendo, o ego falando mais alto.

Em uma sociedade patriarcal, a mulher é educada a ser submissa ao homem, pois o patriarca tem o poder de decidir pela família, por mais que ela seja bem sucedida financeiramente, necessita de um homem para organizar a família.

Dentro do Naturalismo brasileiro, nota-se o desvendar de uma conjuntura social hipócrita, que precisa fingir ou simular uma família composta por pai, mãe e filhos. Porém, na realidade, a família é totalmente problemática, e o principal objetivo desse movimento literário é apresentar a sociedade sem máscara, um exemplo que coopera é a mulher casar-se grávida de outro homem, portanto, ela com seu futuro cônjuge realizam um acordo financeiro que beneficiaria ambas as partes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *A carne*, de Júlio Ribeiro, pode ser considerado um clássico da literatura brasileira, mais precisamente um livro demasiadamente criticado. A obra apresenta a história de uma mulher forte, viril e intelectual, tendo como pano de fundo o Naturalismo para apresentar uma personagem com instintos animais, contudo a vertente em questão no escrito desagradou a burguesia e o clero.

Durante séculos, as mulheres foram vedadas do direito de estudar, de sair, de escolher pretendentes. O romance supracitado, publicado pela primeira vez em 1888, aborda o desejo e a sexualidade da mulher de maneira biológica e natural, apresentando uma pessoa forte e independente a qual necessita do macho para saciar seus desejos carnis, o que provocou uma série de críticas. Isso porque, tal temática não era permitida na sociedade patriarcal.

A hipótese se confirmou: Lenita é forte, à frente de seu tempo, ao passo que apresenta traços de uma mulher romântica que precisa de um homem para assumir seu filho, ou seja, em alguns momentos ela sente necessidade de ter marido, filhos e a idealização de amor por Barbosa, o que foi evidenciado no presente trabalho.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados, pois foi possível perceber como a personagem é representada, levando-se em conta as características apresentadas pelo narrador da obra, tendo em vista as reflexões que a literatura aponta. Este trabalho, também, traz uma literatura significativamente conhecida cujo propósito é ampliar sua divulgação em no meio social. Logo, depreende-se que a literatura brasileira precisa de leitores, para que possa permanecer viva.

Com este trabalho, pretende-se incentivar outros estudiosos a se dedicarem sobre essa obra, especialmente da literatura naturalista, às vezes, deixada à mercê, embora seja considerada "grande". Espera-se que a literatura feminina se torne um interessante enredo para os leitores brasileiros, e que o movimento Naturalista continue sendo pesquisado.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 35ª. ed. Ed Cultrix, São Paulo, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5ª. ed. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **A pesquisa: noções gerais. In Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: Mc-Graw-Hill do Brasil, 1976.

DIOGO, Sara Matias Forte. **De parto monstruoso a sucesso de público: análise da recepção crítica de A carne de Júlio Ribeiro**. Anais de SILEL. Volume 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DUARTE, Constância lima. **Nísia Floresta**. Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2010.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. prefácio Maria da Conceição Lima Alves; notas de Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares Brasília, Senado Federal 2019.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Manual de Normalização para a elaboração de trabalhos acadêmico-científicos da Universidade Federal do Tocantins**. Palmas: Sisbid, 2017.

GIL, Antônio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa**; 4 ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Pesquisa bibliográfica. in metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1987.

LOPES, Robson Vila Nova. **Literatura infantil, gênero e educação: Conflitos da Mulher Contemporânea no conto Tchou, de Lygia Bojunga**. Gurupi: Editora Veloso, 2015.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

RIBEIRO, Júlio; **A carne**. 4ª. ed. composto e impresso nas oficinas da Gráfica Editora Primor, Rio de Janeiro, GB, para a editora Três, São Paulo, 1972.

PACHECO. João. **O realismo**. 4ª. ed. Ed. Cultrix, São Paulo, 1971.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do macho**. Ed. Moderna, São Paulo, 1987.

STUDART, Heloneida. **Mulher objeto de cama e mesa**. 14^a. ed. Ed. Vozes, Petrópolis, 1974.